

A PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA DE JOVENS ARQUITETOS NAS CAPITALS DE CURITIBA E SÃO PAULO: ANÁLISE COMPARATIVA DE PROJETOS RESIDENCIAIS

João Marcos Pobbe dos Santos (IC) e Paulo Roberto Corrêa (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

O presente trabalho contempla um estudo analítico e comparativo sobre a atividade projetual de jovens arquitetos, os quais já possuem uma experiência de pós-graduação acadêmica, nacional ou internacional. A tipologia de projeto escolhida foi a residência unifamiliar, objeto de muito valor arquitetônico e pouco estudado na academia, e que por ser de menor escala, se torna mais corriqueiro em escritórios de arquitetura. O objetivo é entender como a residência continua sendo um objeto de experimentação, bem como estudar as diferentes soluções projetuais contempladas nas residências. Não obstante, procurou-se analisar a relação entre o profissional e o cliente, como as expectativas projetuais foram supridas de ambos os lados e o como os estudos de “lato sensu” e “stricto sensu” são incorporados na produção deles. Foram escolhidos quatro escritórios de arquitetura, dois localizados na capital paranaense de Curitiba, e outros dois localizados na capital paulista. Achou-se necessário estudar projetos em duas importantes cidades brasileiras, bem como suas respectivas soluções em diferentes localidades. Este trabalho se desenvolve a partir de cinco parâmetros de análise, onde procurou-se comparar e discutir os quatro projetos, suas diferentes soluções e a importância da presença do jovem profissional tanto na academia como na atividade arquitetônica.

Palavras-chave: Arquitetura contemporânea. Residência unifamiliar. Jovens arquitetos.

ABSTRACT

This paper covers a comparative and analytical study on the project activity of young architects, who already have a national or international academic postgraduate experience. The typology of the project chosen was the single-family residence. It is a great architectural value object, but little studied in the academy. And being of smaller scale, it becomes more common in architecture offices. This work aims to understand how the residence continues to be an object of experimentation, and to study the different project solutions contemplated in the residences. Nevertheless, the professional-client relationship was analyzed, and also how the project expectations were satisfied, on both sides, and how the “lato sensu” and “stricto sensu” studies are incorporated in the production of these professionals. Four architecture offices were chosen, two of them are located in Curitiba, and the other ones in São Paulo city. It was important to study projects from two important Brazilian cities, as well as the respective

solutions in different locations. This work was developed from five parameters of analysis. The projects, their different solutions, and the importance of the presence of young professional both in the academy and in the architectural activity were compared and discussed.

Keywords: Contemporary architecture. Single-family residence. Young architects.

1. INTRODUÇÃO

Ressalta-se aqui que esse artigo é apenas um resumo de todo o extenso resultado de um ano de pesquisa, trazendo em um panorama geral o que foi discutido e estudado sobre a análise comparativa de projetos residenciais de jovens arquitetos. O trabalho final dessa pesquisa conta com diversos recursos visuais, como fotografias e redesenho de plantas e fachadas, entrevistas completas com os arquitetos e alguns moradores das residências em questão, bem como um texto mais detalhado e respaldado sobre as conclusões do pesquisador.

“O problema da casa é um problema de época. O equilíbrio das sociedades hoje depende dele. A arquitetura tem como primeiro dever, em uma época de renovação, operar a revisão dos valores, a revisão dos elementos constitutivos da casa.” – (LE CORBUSIER: Por uma Arquitetura 1923, p.159)

A casa. Um lugar onde se reside. Residência. Modo de viver. Através de uma das maiores necessidades humanas, que é de se abrigar, a casa surge, formal, significativa, atemporal. Neste mundo caótico, as cidades estão se desenvolvendo, percebe-se uma evolução, tanto no retrato familiar, como nos costumes e relacionamentos. Desde os tempos mais remotos, o homem busca um espaço para viver, um lugar coberto para se proteger contra as intempéries, fechado para se escudar das ameaças terrenas, e privado para simplesmente ser quem ele é. Com o passar do tempo, surgiram novas necessidades humanas, devido a novos costumes e culturas, e o homem começa a desenvolver e modificar sua casa a partir dessas questões. A família se modifica, os hábitos se modificam, bem como a tecnologia dos eletrodomésticos, logo, o programa se modifica. E a casa, conseqüentemente, se altera.

Na arquitetura, os principais objetos que nortearam o desenvolvimento de pesquisas sobre a cidade, bem como novas soluções de construção, se basearam na residência. Esta se torna o objeto principal de experimentação e o mais corriqueiro dentro da vida urbana e rural. Desde as questões pontuadas por Le Corbusier em seus ensaios no Modernismo, até as novas soluções espaciais de Rem Koolhaas, Tadao Ando, Aires Mateus e vários outros profissionais atuais, a casa continua sendo um arquétipo valioso de discussão experimental. A arquitetura surge a partir da casa, os elementos construtivos se desenvolvem a partir de soluções retiradas dela, e as cidades se manifestam através de estudos residenciais. Portanto, a cidade é entendida a partir de um olhar minucioso do lar.

Devido a todas essas questões sobre a evolução social da cidade, há uma busca das academias de arquitetura e urbanismo, principalmente nas grandes metrópoles como São Paulo e Curitiba, de estudarem e ensinarem os novos desenvolvimentos e empreendimentos que englobam toda uma numerosa população. As universidades buscam trilhar novos caminhos sobre o fazer projetual contemporâneo, devido aos atuais problemas pertinentes às metrópoles. Portanto, há um foco maior em estudar e desenvolver projetos que englobam maiores populações, como grandes edificações, estudos urbanísticos de grande porte, onde quase se perde a escala do humano. A cidade é tratada como território e não mais como espaço de vivência. Ela está setorizada em diversos bairros, funções, e em diferentes classes sociais. Portanto, é compreensível que as universidades se respaldem em assuntos de caráter significativo a um maior número populacional. Mas o fato é, que a arquitetura é resultado de experimentações em pequena escala. Não há como entender a cidade atual, suas relações e conflitos, sem testar novas soluções na escala do humano como singular, onde o usuário pode viver o espaço proposto. Essa é a questão. Assim como em grandes projetos que ocupam enormes áreas, como espaços urbanos ou grandes centros institucionais, residenciais ou comerciais, há num primeiro momento um estudo sintetizado em desenhos e maquetes, produtos de pequena escala se comparado ao projeto construído. Assim é o papel da casa na arquitetura: é a partir dela que pode se resolver dilemas maiores da cidade contemporânea.

E entrelaçado a tudo isso, está o jovem arquiteto. Cheio de ideias e vigor, ele busca colocar em prática todos os seus questionamentos. O profissional mais novo, seja na arquitetura ou em qualquer outra área, é dotado de ânimo sobre o desconhecido, instigado a buscar novas soluções para diversas questões que permeiam seu pensamento. O jovem se reinventa rapidamente, testa, discute, sem perder a veracidade e disposição. Percebe-se que para ele, de certa maneira tudo pode ser possível. E na arquitetura não é diferente. O jovem arquiteto possui essas características pois acabou de sair da graduação e necessita trazer à tona tudo aquilo que lhe traz dúvida. Não que isso não esteja também nos profissionais mais velhos, mas é que no jovem isso é mais presente, é nesse período em que ele é mais aberto a diversas ideias e vertentes de pensamento, onde pode-se construir e impor sua opinião. O jovem possui ânimo para pesquisar, para estudar, e a partir disso ele ingressa na pós-graduação, com um anseio de solidificar seus pensamentos e se coloca em um lugar híbrido do subconsciente: tudo o que ele puder nutrir será levado em consideração. O arquiteto é um pensador nômade, busca com mais intensidade soluções de diversas partes da ciência. Ainda mais nesse mundo atual. São numerosas informações, acontecimentos, desenvolvimentos, e o jovem atento a tudo isso descobre vários caminhos o qual pode trilhar. O contemporâneo instiga o desconhecido, permite dar passos maiores ao futuro devido a suas inovações tecnológicas.

Nesta pesquisa, procurou-se abordar a produção contemporânea de jovens arquitetos, nas capitais de Curitiba e São Paulo, visando comparar projetos residenciais e suas respectivas soluções projetuais. O objetivo é entender como os jovens profissionais pensam e discutem a arquitetura na cidade, como as experiências de pós-graduação contribuem para esse fazer projetual em capitais importantes do país. Ademais, foi pensado numa sintética análise de pós ocupação, sendo realizadas entrevistas e visitas a algumas das residências em questão. É importante analisar a relação do profissional com o cliente, trazendo em debate como foi o andamento da obra durante a construção, como essa relação refletiu nas decisões de projeto e como o profissional experimentou novas ideias a partir de uma relação tão próxima com o cliente.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Há vários materiais que abordam o tema de análise de residências na arquitetura. Um dos trabalhos vistos foi de Marlene Milan Acayaba: “Residências em São Paulo, 1947-1975”. Por mais que esse trabalho aborda projetos modernistas do sec. XX, a parte teórica, a qual a autora apresentou para estudar os projetos de residências escolhidos, é bastante interessante e não se anula na análise da contemporaneidade. Marlene diz que “as casas são feitas segundo os sonhos dos arquitetos. Umas como sua morada, outras para clientes que o elegeram como intérpretes de seus desejos” (1986, p. 12). Essa afirmação reforça a grande importância do arquiteto na hora de projetar o sonho dos futuros moradores, o qual é eleito como mediador de todos os sentimentos dos clientes para serem concretizados no espaço a ser projetado.

Também, o estudo residencial traz diversos questionamentos da evolução do morar humano. Em todos os objetos inseridos na paisagem urbana, estes acabam se tornando peças de uma sociedade única, mas ao mesmo tempo, diversificada, pois segundo a autora, a casa é palco e cenário para o estudo da história do cotidiano (ACAYABA, 1986). Marlene traz como parâmetros de sua análise projetual, questões como: a residência inserida na paisagem urbana; a relação entre a casa e o lote, ou seja, a implantação; e a solução formal, desde o volume, até os materiais construtivos. Ela reforça também, que a casa é a melhor ocasião do profissional de arquitetura e urbanismo experimentar, pois o leva a pensar não só como um objeto isolado, mas sim na relação com a cidade, na expressão dos espaços e na dinâmica da vida cotidiana (ACAYABA, 1986).

Agora, quando se fala em jovem arquiteto na construção civil, há um certo receio contra eles, tanto pelos clientes privados como também em projetos públicos maiores. Segundo o autor Roberto Segre, no seu livro intitulado “Jovens Arquitetos”, há uma desconfiança por parte de tais clientes devido a suposta in experiência profissional dos novos, como também no domínio tecnológico arquitetônico e urbanístico (SEGRE, 2004). Por isso, as pessoas optam por arquitetos com o nome reconhecido no mercado, com um maior repertório de obras realizadas, ao invés de confiar a concretização do seu desejo a um profissional menos experiente. Portanto, há um menor conhecimento do trabalho desses jovens profissionais. O autor também relata diversos países europeus que apoiam os novos arquitetos em projetos, como na Holanda, que contratam o profissional para realizar obras experimentais. Para Segre, o jovem arquiteto “assume a realidade do mundo globalizado, interpretando o Brasil como ‘país-região’, nas influências positivas de interação conceitual e de intercâmbio de experiências, distanciando-se das modas efêmeras” (SEGRE: 2004, p.22). É interessante abordar essas questões nessa análise projetual, pois poderá ser visto que os arquitetos estudados não se limitaram a uma moda pré-estabelecida da construção civil, mas puderam ousar nas formas e detalhes, trazendo realmente a própria marca do profissional à obra construída, sendo isso o diferencial arquitetônico proposto.

O mesmo autor traz uma coletânea de projetos residenciais do Brasil, para desta vez valorizar a arquitetura local, no livro “Casas Brasileiras”. Nele, o autor afirma que “A casa constitui um laboratório para os iniciantes, tanto no conhecimento construtivo dos materiais experimentados em uma escala menor, quanto no diálogo espacial com o corpo humano, com os seus usos diferenciados e até com o estado de ânimo dos usuários, que influenciará na configuração das formas e ambientes” (SEGRE: 2010, p. 9). Isso vem confirmando aquilo que a autora Marlene Acayaba afirma em seu livro, ou seja, as residências são sim os principais objetos de análise para se obter os pensamentos projetuais do arquiteto, seja ele jovem ou não, pois é nela que os profissionais ousam experimentar, traduzir, qualificar, associar diversos elementos, traços e formas que vão caracterizar a sua maneira de pensar as relações humanas, e por ser uma escala menor e geralmente construções privadas, acabam não sendo tão valorizadas para estudo.

O livro “Vila Nova Artigas: Projetos Residenciais Não Construídos”, é fruto de um trabalho de pesquisa desenvolvido pela arquiteta Ana Tagliari, em parceria de Rafael Perrone e Wilson Flório. Esse livro é interessante de ser estudado, pois, por mais que seja a respeito de obras modernistas, traz parâmetros de análise residencial e de certa forma, ensina como fazer esse estudo de projetos. Segundo o arquiteto Wilson Flório, no artigo “O percurso de criação e sua interpretação”, publicado neste mesmo livro, “os desenhos produzidos pelo

arquiteto e pela sua equipe deixam rastros do processo de projeto” (FLÓRIO: 2017, p. 21) com isso, Tagliari usou como chave principal os croquis e desenhos de Artigas para abstrair máximas informações sobre as obras que não foram construídas, e também faz uso de maquetes experimentais como instrumento de estudo.

Desse modo, o arquiteto pode tirar vários partidos de um mesmo tipo arquitetônico. Ana também afirma, assim como Marlene Acayaba e Roberto Segre, que a casa é um local de experimentações do profissional, onde ele testa soluções de projeto numa escala menor. Segundo a autora, estudar projetos residenciais de um arquiteto pode revelar fundamentos para uma melhor concepção e entendimento do conjunto de suas obras (TAGLIARI, 2017).

Por fim, pode-se considerar que os ensaios de Le Corbusier em “Por uma Arquitetura”, também trouxeram significativas reflexões a essa análise. Segundo o arquiteto modernista, “a arquitetura é uma das mais urgentes necessidades do homem, visto que a casa sempre foi o indispensável e primeiro instrumento que ele forjou” (LE CORBUSIER: 1923, p. 5). A casa é um valioso objeto de estudo, é o primeiro modo de viver, e desde os tempos mais remotos a casa se torna o abrigo do humano. É a partir do lar que as relações com a cidade acontecem, é a partir deste espaço que o conceito de “público e privado” surgem. Portanto, pode-se considerar que as cidades são fruto das casas, singulares e impositivas. Também, a arquitetura consiste em estabelecer relações diretas e comoventes com materiais puros e brutos (LE CORBUSIER, 1923). Aí se destaca a importância da escolha dos materiais na construção civil, fator abordado nessa pesquisa. Os materiais são tão importantes quanto à forma, e na verdade, pode-se afirmar que é a partir da materialidade que a solução formal ganha sua identidade.

3. METODOLOGIA

Como visto anteriormente, essa iniciação científica procurou abordar a produção contemporânea de jovens arquitetos a partir de projetos residenciais, tipologia de grande valor construtivo e arquitetônico. A partir desses projetos, pode-se retirar diversas soluções de experimentação, as quais os arquitetos propuseram devido o projeto residencial ser de pequena escala. Num primeiro momento, foi feita uma ampliação no referencial teórico, delimitando e estudando autores que propuseram análises residenciais a partir de estudos acadêmicos. Não obstante, foram estudados livros e periódicos que abordavam o tema de jovens arquitetos, para melhor compreensão desse fazer projetual dos profissionais mais novos. Logo depois, foi realizada uma procura de escritórios que se encaixassem nos recortes, definidos nessa pesquisa, nas duas capitais. Diante a um vasto repertório de bons

profissionais, foram escolhidos quatro escritórios que se destacaram por sua atividade projetual. E analisando os projetos, foram escolhidas quatro casas de grande valor formal e construtivo, podendo se tirar diversas reflexões a partir do estudo delas como objeto de investigação. São residências que marcaram o histórico dos escritórios e a vida dos arquitetos, sendo que algumas delas foram reconhecidas através de publicações e premiações. São eles:

Casa Michelle – YVA Arquitetura
(Curitiba, PR)



Foto: Alexandre Santos Lima

Casa NH – Corsi Hirano Arquitetos
(São Paulo, SP)



Foto: Daniel Corsi da Silva

Casa Cubo – AR Arquitetos
(São Paulo, SP)



Foto: Maíra Acayaba

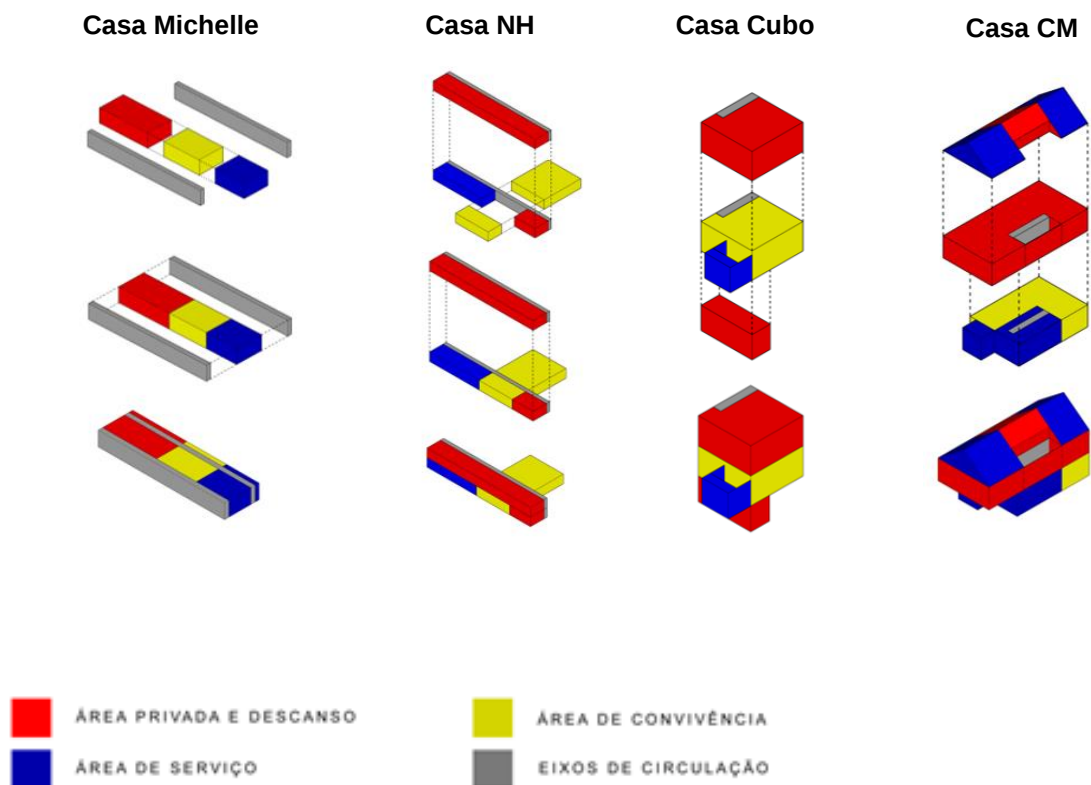
Casa CM – Arquea Arquitetos
(Curitiba, PR)



Foto: Federico Cairoli

A partir dessa escolha, foi entrado em contato com cada um dos arquitetos através de e-mail e telefone. Com a aprovação deles, foi pedido os materiais necessários para o começo do estudo de cada projeto residencial, onde foram disponibilizados desenhos técnicos, como plantas, cortes, elevações e detalhes construtivos, modelo 3D em alguns casos, fotos internas e externas, ficha técnica e memorial.

Dando andamento ao desenvolvimento da pesquisa, foi definido juntamente com o orientador os critérios de análise para delimitar e melhor entender o rumo deste estudo. São eles: ficha técnica da obra, implantação, programa de necessidades, análise das fachadas, materialidade e construtibilidade. Através de produtos visuais complementares, foi possível um melhor entendimento dos projetos no produto dessa pesquisa. A implantação foi analisada através do desenho técnico de algumas das casas e com fotos aéreas e de longa distância, pois apesar da implantação ser o próprio desenho, houve casos que as fotos explicavam melhor do que o desenho técnico. O programa de necessidades foi estudado a partir do redesenho, elaborado por softwares do computador, das plantas de cada uma das casas, permitindo que o pesquisador pudesse compreender melhor a logística dos espaços internos e externos. Além disso, foi elaborado um esquema de volumes setorizados em cores, dividindo os projetos em 4 partes: área privada, serviços, convívio e circulações. Esse conjunto dos desenhos das plantas com os esquemas de cores trouxeram um melhor entendimento da relação da planta com a solução formal dos projetos. Na análise das fachadas, foram feitos desenhos de cheios e vazios, para compreensão do papel de cada abertura no tocante a composição formal e estética, bem como o estudo de insolação em cada face das residências analisadas. Na materialidade e construtibilidade foram abordadas questões como os sistemas estruturais utilizados, a materialidade de cada fachada compondo a linguagem projetual, os detalhes construtivos que garantiram maior valor à residência, assim como viabilidade e soluções de projeto.



Fonte: Autoria própria.

Através da completa análise a partir dos parâmetros escolhidos, foram realizadas comparações acerca de questões projetuais entre os projetos das residências, promovendo um estudo das soluções que os arquitetos propuseram, se igualando ou diferenciando da maneira de fazer arquitetura. Não obstante, foi possível detectar características comuns ou diferentes, bem como opiniões dos arquitetos que se completavam diante de uma determinada solução projetual.

Depois de analisar todas as quatro residências, foram elaboradas as entrevistas com os arquitetos responsáveis. Todas elas foram realizadas na etapa final, pois julgou-se de melhor proveito a conversa com os arquitetos após um estudo completo das casas. Todas as quatro entrevistas foram presenciais, duas realizadas em São Paulo com os arquitetos Marina Milan Acayaba, do escritório AR Arquitetos, e Daniel Corsi da Silva, do atelier Corsi Hirano Arquitetos. As outras duas entrevistas realizadas em Curitiba foram com os arquitetos Bernardo Richter, Fernando Lacerda e Pedro Tavares, do escritório Arquea Arquitetos, e Yuri Vasconcelos, do escritório YVA Arquitetura. As entrevistas contemplaram praticamente as mesmas perguntas, a exceção daquelas perguntas que faziam referências mais específicas à obra estudada e que se complementavam com a visão do próprio arquiteto sobre a obra analisada. Depois foram realizadas conversas com os moradores e visita à obra. Como são projetos residenciais, foi imprescindível a disponibilidade dos donos para que houvesse a visita, devido a isso, foi possível realizar entrevistas com os moradores das duas casas de Curitiba, e as respectivas visitas nas residências Michelle e CM. Em São Paulo, não houve a possibilidade de conversar com os clientes que encomendaram o projeto da casa Cubo, pois eles não se encontram morando mais na capital paulista, sendo que a casa está alugada no presente momento. No tocante à casa NH, devido a uma questão de logística e tempo, não foi possível visitar a obra, sendo feita somente a entrevista com o arquiteto responsável.

Por fim, como conclusão foi feita uma reflexão do pesquisador acerca da análise comparativa realizada, dando abertura as experiências vividas nas visitas às obras em questão, bem como a experiências de conversar com os próprios profissionais responsáveis por cada projeto. Através de um olhar mais sensível, pode-se destacar como o pesquisador enxergou a arquitetura local, onde se tentou entender a produção contemporânea a partir de uma visão acadêmica.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

No desenvolvimento da sociedade, indaga-se sobre o futuro incerto das relações humanas, cada vez mais individualistas. Não que a individualidade seja algo ruim, mas a

questão é até que ponto isso dificulta o processo da cidade. A partir do arquiteto e urbanista, o projeto, seja ele público ou privado, promove uma relação de existência ao todo, e todo esse árduo trabalho tem como finalidade contribuir para o convívio das pessoas entre si e com o espaço projetado. É entendido, portanto, o papel indispensável da casa no desenvolvimento do meio urbano. A partir de um projeto de pequena escala, o projetista pode entender, além de novos conceitos e técnicas construtivas, as relações que compõe um grupo familiar, e a partir desse grupo, as ideias sobre cidade vão surgindo. De acordo com o arquiteto Héctor Vigliecca:

“[...] estamos sempre em evolução e, quando se trata da casa mínima, é ainda mais difícil encontrar esse modelo, pois temos que entender e só trabalhar com o essencial, sendo que os fatores como a estrutura social são determinantes”.
(VIGLIECCA, Casa: a razão de ser de uma cidade, 2017.
Archidaily – acesso: 20/07/2019)

Mediante esse questionamento, percebe-se a importância da casa como papel de estudo sobre a sociedade e sua evolução. Como as pessoas vivem, o que é morar, o que é viver sozinho ou em conjunto, quais são as mudanças que ocorrem de uma geração para a outra, a disposição do programa como sendo resultado de um entendimento familiar específico ou conjunto, os processos e soluções construtivas influenciando nos hábitos do lar, a inserção da construção na rua e bairro como peça que compõe a sociedade em volta, entre outros. Questionamentos esses que trouxeram uma ideia sobre o que seria de grande valor para a arquitetura contemporânea, e o que os jovens profissionais pensam sobre isso.

Um projeto arquitetônico tem como garantia a qualidade espacial, ambientes que agregam valor construtivo e sensitivo. Diante de um país que luta contra diversos problemas sociais que englobam o desenvolvimento da cidade, o jovem arquiteto e urbanista assume um lugar de provedor, provedor de um futuro melhor para as cidades a partir de reflexões projetuais que garantam qualidade ao meio urbano. E para isso ele precisa experimentar, e essa experimentação é realizada nos projetos de pequeno porte, como os residenciais, singulares e minuciosos. Diversos autores, como Marlene Acayaba, Roberto Segre, Ana Tagliari e até mesmo Le Corbusier, personagens importantes que deram fundamentação a esse presente trabalho, promovem uma discussão acerca do projeto residencial como sendo objeto de experimentação do arquiteto e urbanista, bem como sua relação direta com a cidade o qual está inserido.

Como entendido anteriormente, a partir de uma casa se pode adotar diversos questionamentos acerca do espaço urbano. Segundo a arquiteta e historiadora Marlene Acayaba, em seu livro “Residências em São Paulo”, a casa é entendida como objeto cultural, espaço e palco para se entender a vida privada a partir da história do cotidiano (ACAYABA, 1986). Também, a residência é parte integrante da metrópole, se inserindo na paisagem urbana e compondo um visual à determinada rua e bairro, portanto, é na vivência do espaço público que se enxerga a arquitetura residencial. A partir disso, as experiências vividas nessa iniciação científica fizeram o aluno pesquisador entender melhor a importância da arquitetura residencial na contemporaneidade.

A escolha dos escritórios não se resumiu apenas na admiração dos projetos residenciais de cada um. Cada um deles promove uma arquitetura única, a qual se percebe que há um intenso estudo e qualidade em cada projeto, sejam eles comerciais, institucionais, interiores, etc. É visível que os arquitetos dedicam tempo e reflexão na atividade, tratando cada projeto como singular e importante, promovendo assim uma boa arquitetura. Percebe-se a ênfase que eles dão à escolha dos materiais, ao processo de construção da obra, ao relacionamento com os clientes, tornando-se quase membros da família, criando vínculos afetivos que agregam mais valor ao projeto. Além disso, a atividade acadêmica está presente em cada um dos escritórios. Em entrevista com Marina Milan Acayaba, do escritório AR Arquitetos, a arquiteta afirma que o dia a dia do escritório acaba se tornando algo muito mecânico, então a atividade acadêmica nutre muito a produção, estimulando esse pensar arquitetônico. Percebe-se com isso, que os jovens profissionais estudados aqui procuraram estabelecer uma relação com o meio universitário, sejam em pós-graduações “lato sensu” ou mestrados, garantindo maior intelectualidade e estudo da futura produção de cada um. Desta forma, desenvolvimento de textos e artigos tem sido uma prática presente na maioria deles, instigando seus questionamentos ao âmbito teórico, garantindo que o escritório não se limite apenas a construção em si, mas em compartilhar pensamentos e ideias acerca da arquitetura.

Com a disponibilização dos arquivos e documentos pelos escritórios, começou-se a análise de cada projeto individualmente. A partir dos cinco parâmetros definidos com o orientador, percebeu-se uma riqueza de detalhes e reflexões acerca de cada residência construída. A começar pela ficha técnica, ela auxiliou delimitando e definindo o que era cada casa, quem criou, quem executou, as pessoas envolvidas, as áreas construídas e não construídas. A implantação ajudou a entender a inserção do projeto no terreno, bem como sua orientação solar, e o papel que o entorno e a legislação tiveram para definir todo o projeto residencial. A análise do programa de necessidades, a partir de um redesenho das plantas, auxiliou para compreender a disposição dos cômodos em relação às questões ambientais,

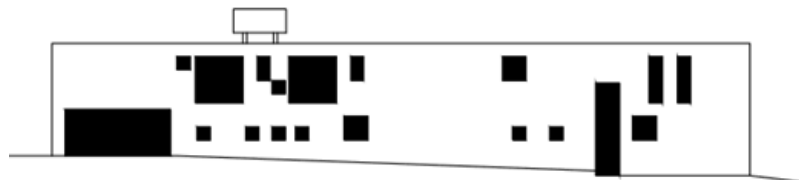
bem como a solução que os arquitetos obtiveram para resolver as questões de cada família e seus respectivos modos de morar, propondo em todos eles áreas amplas de convívio social e contato direto com o ambiente externo. Já na análise das fachadas, foi possível entender o objetivo dos arquitetos quanto ao conforto ambiental dos recintos, bem como a solução única das faces, as quais deram identidade ao projeto, sendo resolvidas a partir de um minucioso estudo de detalhamento, nutrido de conceitos e pensamentos abstratos. Tanto a implantação, como a análise do programa e das fachadas caminharam em conjunto, pois cada uma auxiliava a outra na hora de entender essas questões projetuais, como a orientação solar resultando na disposição dos recintos da casa, bem como solucionando as aberturas nas fachadas. E por fim, foi estudado a materialidade e construtibilidade das residências, promovendo uma reflexão acerca das soluções mais técnicas de cada projeto, o porquê da escolha de materiais puros para revestir todo o volume residencial e como isso interferiu nos olhares do entorno.

Cheios e Vazios fachada Norte – Casa Michelle



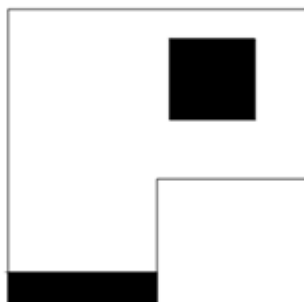
Fonte: autoria própria.

Cheios e Vazios fachada Sudeste – Casa NH



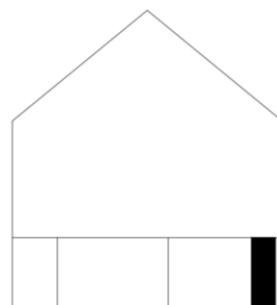
Fonte: autoria própria.

Cheios e Vazios fachada Nordeste – Casa Cubo



Fonte: autoria própria.

Cheios e Vazios fachada Sudoeste – Casa CM



Fonte: autoria própria.

A partir de toda essa análise contemplada pelos cinco parâmetros, pode-se detectar diferentes comparações entre os projetos residenciais. Além de serem projetos contemporâneos, através das conversas realizadas com os arquitetos pode-se perceber semelhantes conceitos e soluções construtivas entre as quatro casas, e a partir disso se discorreu acerca de cada uma dessas comparações:

Pátios externos: três das quatro residências estudadas nessa pesquisa contemplam essa solução projetual. Desde as sociedades mais antigas, o pátio é inserido nas casas como ponto articulador dos espaços e conector direto do meio externo com o interno, onde acaba se tornando o espaço público do lar. A casa CM contempla dois pátios elevados ao nível térreo; a casa Cubo já propõe dois pátios no nível térreo, promovendo essa extensão visual e climática; já a casa NH, além de possuir tanto um pátio elevado do térreo, também contempla dois espaços abertos no nível térreo, onde um deles se dá para a rua e outro para dentro do limite residencial.

Materialidade como valor construtivo: nas quatro residências, os arquitetos ansiaram por uma pureza material da construção. Na maneira singular de cada um, cada projeto se tornou uma peça valiosa no âmbito o qual está inserido. Tanto pelo uso homogêneo do tijolo de barro nas quatro fachadas das casas Michelle e CM, como do uso intenso do branco na casa Cubo e a madeira e o concreto aparente na casa NH.

Eixos de circulação: tanto a casa Michelle como a casa NH compartilham de uma mesma solução projetual que são os eixos de circulação. Tais eixos definem os acessos e percursos da moradia, transpondo aquilo que seria o viver da planta projetada. As duas casas se desenvolvem com um caminhar reto e linear, sem obstruções, onde toda a extensão das residências se consegue percorrer a partir de uma única direção.

A empena cega: a partir de uma ideia de abstração, o arquiteto tenta conduzir o observador e usuário do espaço a percorrer visualmente toda uma extensão única, sem perturbações e materialmente singular. Tanto a casa Cubo como a casa CM trazem a empena cega na fachada frontal, delimitando um vazio formal, mas que traduz o anseio abstrato da peça arquitetônica inserida na situação urbana. Tanto o uso do branco (casa Cubo) como o uso do tijolo de barro (casa CM) remetem a esse convite ao vazio, uma reflexão da luz natural, garantindo textura e identidade ao projeto.

Abstração da forma: surgiu através de vertentes artísticas, como o Surrealismo, o Cubismo e Suprematismo, a abstração começou a ser estudada na arquitetura a partir do

Modernismo, onde houve o uso de poucos elementos e maiores vãos, promovendo uma forma sucinta. Com isso percebe-se que a casa Cubo e a casa CM possuem esse conceito de forma abstrata, nessa ideia de não precisar de muito para se fazer muito, da forma pura como elemento suficiente da boa qualidade arquitetônica, de pressupor e arriscar novos partidos a partir de geometrias e conceitos básicos que permanecem muitas vezes no campo das ideias.

Conceito de espaço aberto como ambiente de convívio: os quatro projetos contemplam essa resolução nos ambientes sociais de cada residência. Isso promove uma melhoria nas questões de iluminação e ventilação dos recintos internos, onde se tem uma constante integração do meio externo com o interno, e como as divisões entre esses cômodos considerados sociais é mínima, o espaço se torna um só. A partir disso, as relações de convívio familiar são reforçadas, pois a casa é sinônimo de relacionamento.

A arquitetura portuguesa e o jovem arquiteto brasileiro: em três das quatro entrevistas realizadas com os arquitetos responsáveis pelas obras, a arquitetura portuguesa foi citada com destaque como referência projetual. Tal arquitetura possui um valor político e social aos profissionais brasileiros, por ser um país que compartilha da mesma língua, possui um modo de viver parecido com o do brasileiro, além de possuir um grande valor experimental. Também, alguns dos arquitetos estudados já trabalharam ou tiveram aula com profissionais portugueses como Eduardo Souto de Moura e os irmãos Aires Mateus, sendo suas obras objetos de estudo e referência e, portanto, isso influencia no modo de projetar dos profissionais daqui.

A problemática do condomínio e a metrópole: Os quatro projetos estudados aqui se inserem em espécies de condomínios, sejam eles urbanos ou rurais. O fato é, que a sensação que o condomínio traz aos usuários é de liberdade, não há mais uma preocupação pela criança que anda de bicicleta na rua, ou uma pessoa fazer caminhada sozinha, essa utopia se torna real a partir dos lugares cercados. E isso se torna o desafio dos arquitetos e urbanistas, de como reverter essa situação, como trazer valor aos projetos inseridos nos centros urbanos, promovendo a liberdade e segurança das pessoas.

Todas essas questões surgiram como pontos em comum no decorrer das análises e conversas trazendo uma reflexão comparativa sobre o conjunto das obras contempladas nessa pesquisa.

Ressalta-se aqui a importância da visita ao projeto estudado. De acordo com o arquiteto e professor Wilson Flório:

“A arquitetura só pode ser plenamente apreciada quando se visita o edifício construído, e se adentra os espaços, momento esse que permite desfrutar e compreender o real significado das ideias prévias à construção, contidas nos desenhos e no discurso do arquiteto.” (O percurso de criação e sua interpretação – Livro Vila Nova Artigas: projetos residenciais não construídos: 2017, p.19).

Uma análise de projeto só é completada quando se visita a obra construída. É a partir das sensações vividas e apreciadas no espaço projetado que se torna possível tirar as conclusões finais que permeiam o pensamento daquele que está estudando uma obra. Por ser uma pesquisa que contempla projetos privados, não foi possível visitar todos eles, apenas as residências Michelle (YVA) e CM (Arquea), localizadas na região de Curitiba, de autoria dos dois escritórios paranaenses. Mas a partir das visitas, pode-se compreender melhor todo o projeto, o nível de detalhamento que os arquitetos trabalharam, e qual foi a opinião dos moradores acerca das casas em questão. Na proposta dessa iniciação científica, foi pensado em desenvolver ao final de todo o estudo uma análise de pós ocupação. Contudo, por ser um tema de grande complexidade e possuir diversas questões, não foi possível desenvolvê-la com grande abordagem, pois além de não ter sido possível conversar com alguns dos moradores e visitar algumas das obras, esse estudo de pós-execução perdeu o sentido, contemplando apenas conversas com os moradores da casa Michelle e CM, as quais foram possíveis de serem visitadas.

Entretanto, foram realizadas entrevistas com todos os quatro escritórios autores dos projetos, tendo uma melhor visão e entendimento das residências a partir do olhar de quem projetou e acompanhou de perto todo o processo de construção. Foi interessante poder visitar cada um dos escritórios, pois pode-se conhecer a produção e a dinâmica de trabalho de cada um deles. Os jovens arquitetos são experimentadores, possuem um comprometimento com cada projeto de maneira singular e única. Através das entrevistas, que mais se tornaram em conversas nutridas de reflexões e discussões acerca da arquitetura, foi possível entender como cada profissional trabalha ante ao projeto residencial. Foi perceptível a importância que cada um deu ao falar do seu projeto, gerando um olhar específico à arquitetura, pois os profissionais trouxeram um apelo sensitivo as residências, tendo cada uma delas uma importância na caminhada do escritório.

Também, a relação entre arquiteto e cliente foi excelente, através das conversas com os moradores e os próprios arquitetos, o projeto residencial gerou vínculos afetivos, amizades que duram até o dia de hoje. Por se tratar da concretização de lares, o entendimento do

relacionamento familiar é imprescindível, tornando o estudo e todo o processo de concretização algo mais sensível e íntimo. E através dessa relação tão próxima, cada projeto foi melhor resolvido, as soluções adotadas contemplaram e interpretaram o desejo dos clientes, onde o nível de detalhamento é enorme, se comparado a obra finalizada com o projeto executivo. Além disso, o grau de experimentação permitido e aceito pelos clientes em cada uma das residências foi alto, pois através dessa relação tão próxima e de confiança é que se chegou ao resultado final. Isso se confirma pelas questões pontuadas por Roberto Segre, arquiteto e pesquisador, o qual afirma no seu livro “Jovens Arquitetos”, que os profissionais mais novos não se submetem às modas efêmeras e predominantes (SEGRE, 2004), se distanciando de um formalismo obsoleto que infelizmente rege grande parte da construção civil atual. Ou seja, isso tudo contribuiu positivamente para o êxito projetual, comprovando que o projeto residencial não só continua sendo um objeto de experimentação do arquiteto, mas como é importante um relacionamento próximo entre o profissional e o cliente, o qual permite que o jovem profissional busque em um intercâmbio de ideias às suas soluções originais.

A propósito, ressalta-se aqui a importância de uma pós-graduação acadêmica como fator determinante para uma boa atividade projetual. É na academia que o profissional se nutre de pensamentos e novas teorias, pondo-as em prática a partir dos estudos sistematizados desenvolvidos nas universidades. O desenvolvimento profissional da arquitetura se reinventa constantemente, e é preciso que o arquiteto estude sempre, sem perder seus questionamentos acerca da dinâmica da vida da cidade. Segundo um olhar do pesquisador, as quatro obras analisadas carregam um valor construtivo maior por terem sido projetadas por profissionais movimentados pelo estudo acadêmico. Mesmo que algumas das residências em questão tenham sido projetadas antes do desenvolvimento de pós-graduação, percebe-se que são obras realizadas por arquitetos que visam um futuro de projeto respaldado em questões pontuais acadêmicas, as obras refletiram esse desejo dos arquitetos em sempre se renovarem em estudos e reflexões, propondo novas experimentações. Todos os profissionais afirmaram que a visão que eles tinham antes de desenvolverem uma pós-graduação, seja *lato sensu* ou *stricto sensu*, era outra totalmente diferente, menos intelectual, mais fechada. A visão que o trabalho acadêmico proporciona ao profissional transcende o mundo técnico monótono, desenvolvendo e estimulando a produção de todo um escritório.

Não só isso, mas a participação de arquitetos em atividades não usuais, como exposições de arte, estimula essa produção e fazem o próprio profissional enxergar conexões entre os campos e vertentes da ciência. Em uma das viagens até Curitiba, o acadêmico pôde visitar uma exposição chamada “Experimentando Le Corbusier”, no Museu Oscar Niemeyer

(MON). Apesar de ser uma exposição respaldada na arquitetura, é inevitável o uso de novos campos que trouxeram uma reflexão sobre as relações entre arte, cidade, arquitetura e usuário. Nessa exposição, participaram dois dos escritórios estudados nessa pesquisa, AR (São Paulo) e Arquea (Curitiba). Cada um deles, através de uma obra expositiva, trouxe uma releitura de conceitos que Le Corbusier propusera em sua época, questões que perduram nas reflexões projetuais de um modo geral.

Planorama. AR Arquitetos –
experimentando Le Corbusier



Foto: autoria própria.

Densidade é Liberdade. Arquea
Arquitetos – *experimentando Le Corbusier*



Foto: autoria própria.

Essas experiências culturais são provas das constantes reflexões e estudos que esses jovens profissionais desenvolvem além da rotina de escritório. Isso alimenta e nutre significativamente a produção dos mesmos, e assim compo de certa maneira os conceitos das obras projetadas. Nada é em vão, de tudo pode-se tirar proveito, e essas experiências que os arquitetos fazem questão de participar é que elevam a intelectualidade e a destreza projetual. Como dito na introdução deste trabalho, o jovem profissional é dotado de ânimo sobre o desconhecido, instigado a buscar novas soluções para diversas questões que permeiam seu pensamento, e essas atividades fora de uma rotina comum de escritório constroem o processo e o papel do arquiteto na sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel do jovem profissional é de evoluir o pensamento arquitetônico. Cada um destes profissionais os quais se pôde estudar ao longo desse um ano de pesquisa, possuem um instinto ao desconhecido, à experimentação, ao propor novas soluções a partir de estudos daquilo que veio antes deles. Percebe-se uma reverência e apreço dos jovens profissionais aos arquitetos da geração anterior, mas também uma admiração àquilo que está no futuro e no mundo à fora. A pesquisa nunca para, é ela que alimenta e sana as dúvidas dos arquitetos, os quais procuram em outros campos a resposta às questões arquitetônicas. Esta pesquisa

pôde delimitar ainda mais a trajetória daqueles que serão os futuros referenciais dessa geração. Através desse estudo de residências contemporâneas, pode-se perceber que a produção de jovens arquitetos tem sido de grande valia para a cidade, promovendo novas soluções e partidos, que não negam aquilo que veio antes deles, mas que os contemplam de maneira desenvolvida e atual. A arquitetura contemporânea é composta pela união das escolas que vieram antes, e está nas mãos daqueles que pensam além do amanhã.

A vivência em cada conversa e em algumas das obras estudadas pôde comprovar o comprometimento que esses jovens profissionais possuem com o futuro da arquitetura, pensando com criatividade, mas com os pés no chão, buscando novos pensamentos em diferentes campos da ciência, transmitindo sensações e sentimentos a partir da arquitetura projetada. E unindo tudo isso ao projeto residencial, justifica-se que através da casa, o arquiteto promove seus estudos, testa seus experimentos, delimita suas teorias e instiga a buscar novas soluções ao projeto. Comprova-se que a casa continua sendo um objeto de experimentação nas mãos do arquiteto, construindo sempre uma conexão direta de seus traços ao pensamento contemporâneo o qual ele desenhou. A casa continua e sempre continuará existindo, privada e singular. A cidade é fruto da casa, o espaço público é fruto da moradia, e o arquiteto é o provedor que delimita e qualifica todos os espaços.

6. REFERÊNCIAS

- ACAYABA, Marlene Milan. **Residências em São Paulo, 1947-1975**. Biblioteca Eucatex de Cultura Brasileira, 1986.
- BISELLI, Mario et al. **Teoria e prática do partido arquitetônico**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2014.
- CORBUSIER, Le. **Por uma arquitetura**. 1923. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- TAGLIARI, Ana; PERRONE, Rafael Antonio Cunha; FLÓRIO, Wilson. **Vilanova Artigas: projetos residenciais não construídos**. São Paulo: Annablume, 2017.
- FLÓRIO, W.; GALLO, H.; SANTANNA, S. S.; MAGALHAES, F. **Projeto Residencial Moderno e Contemporâneo: análise gráfica dos princípios de forma, ordem e espaço de exemplares da produção arquitetônica residencial - residências nacionais Volume I**. 1. ed. São Paulo: MackPesquisa, 2002.
- MILAN ACAYABA, Marina. **Estratégias de projeto: estudo de três casas contemporâneas**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.
- MONTANER, J. M. **Sistemas contemporâneos arquitetônicos**. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2009.

OLIVEIRA, Matheus. "**Casa – Conceitos**" 04 Jul 2019. ArchDaily Brasil. Acessado 13 Jul 2019. <<https://www.archdaily.com.br/br/920138/casa-nil-conceitos>> ISSN 0719-8906

PIANO, Renzo. **A Responsabilidade do Arquiteto: Conversas com Renzo Cassigoli**. 1º ed. São Paulo: BEI Comunicação, 2011.

REIS-ALVES, Luiz Augusto dos. "**O que é o pátio interno? – parte 1**". Arqtextos, Texto Especial nº 327. São Paulo, Portal Vitruvius, set. 2005 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/06.063/436>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

REIS-ALVES, Luiz Augusto dos. "**O que é o pátio interno? – parte 2**". Arqtextos, Texto Especial nº 327. São Paulo, Portal Vitruvius, set. 2005 <www.vitruvius.com.br/arqtextos/arq000/esp327.asp>. Acesso em: 20 jul. 2019.

REVISTA MONOLITO: **Jovens Arquitetos**. São Paulo: Editora Monolito, 2011. Bimestral.

SEGRE, Roberto. **Jovens Arquitetos: Young Architects**. Viana & Mosley, 2004.

SEGRE, Roberto. **Casas brasileiras: Brazilian houses**. Viana & Mosley, 2º ed. 2010.

VIGLIECCA, Héctor. "**Casa: a razão de ser de uma cidade / Héctor Vigliecca**" 13 Jun 2017. ArchDaily Brasil. Acessado 24 Jul 2019. <<https://www.archdaily.com.br/br/873521/casa-a-razao-de-ser-de-uma-cidade-hector-vigliecca>> ISSN 0719-8906.

Contatos: jmpobbesantos@hotmail.com e pauloroberto.correa@mackenzie.br